

pela pesquisa; e três relacionados às expectativas: ensino de qualidade, relação interpessoal e desenvolvimento pessoal e profissional. Os NS foram agrupados em temáticas: motivação intrínseca, motivação extrínseca e expectativas acadêmicas. Semelhante ao encontrado em estudos realizados em diferentes contextos, neste estudo, prevaleceram as motivações intrínseca; desejo de ajudar (“sempre soube que queria ajudar as pessoas” IP\_7); vocação (“eu acho que nunca me imaginei em outra coisa, e foi isso que me fez lutar” IP\_5); interesse pela medicina como matéria (“gostava muito dos conhecimentos que poderia arrecadar” IP\_4). Um percentual menor de alunos justificou sua escolha com motivações extrínsecas: segurança no trabalho (“as oportunidades de emprego na medicina acabam por ser maiores e ter um peso na escolha” IP\_14); interesse pela pesquisa (“poderia me levar a fazer investigação mais facilmente, eu sempre sonhei em ser investigador” IP\_6). Nível elevado de expectativa esteve presente na maioria as falas. O ensino de qualidade (“uma formação sólida e que me prepare bem para tudo que eu possa encontrar, que faça de mim uma pessoa que esteja a altura do desafio” IP\_5), a relação interpessoal (“conhecer pessoas, fazer amizades e desenvolver uma maior capacidade de interação com as pessoas” IP\_12) e o desenvolvimento pessoal e profissional (“além das competência técnicas e conhecimentos, a faculdade teria que dar-me oportunidades para eu crescer e me descobrir” IP\_15), foram os NS agrupados nas expectativas de alunos que esperam fazer a diferença na carreira profissional. O conhecimento sobre as motivações e expectativas de adolescentes que ingressam no curso de Medicina contribuem para um planejamento estratégico educacional capaz de aliar a satisfação das expectativas acadêmicas, a adaptação e a integração do aluno no ensino superior e a identificação de questões atitudinais a serem trabalhadas durante a formação.

**Keywords:** adolescência. escolha profissional. expectativa acadêmica. educação médica.

## **School-based Practices of Occupational Therapists for an Inclusive Education in Portugal**

Mónica Silveira-Maia<sup>1</sup> ; Sílvia Alves<sup>1</sup>; Maria João Trigueiro<sup>2</sup>; Joaquim Faias<sup>3</sup>; Vitor Silva<sup>2</sup>

1 - Centro de Investigação & Inovação em Educação (inED), Escola Superior de Educação, Politécnico do Porto

2- Laboratório de Reabilitação Psicossocial do Centro de Investigação em Reabilitação da Escola Superior Saúde, Politécnico do Porto

## Oral Communication

The present study is part of a project that aims to develop a common framework defining general requirements – in terms of skills, contents and methods – to be considered on occupational therapists (OT)’ training for school-based practices aligned with the principles of inclusion. Although the concept of inclusive education has been, consensually, defined as the enablement of school contexts to support the access, participation and progression of all students - considering a wide spectrum of learning and functioning profiles -, the bridging of that conception and the field of practices has been subject to different understandings (e.g., Amor et al., 2019). Within school-based OT such praxeological divergences can be recognized in terms of the prominence assigned to in-class vs pull-out services; to child-direct vs consultation practices; and/or rehabilitation vs participation-centered approaches (e.g., Kaelin et al., 2019). In Portugal, there is around 90 Inclusive Resource Centers – IRC (DGE, 2019), which general goal is to mobilize specialized human resources – including the OT – to incorporate multidisciplinary teams at schools (along with regular and special education teachers, psychologists, principals, parents) promoting the process of inclusion of children in need of additional supports. A national evaluation of public policies concerned with IRC was conducted in 2014 by Sousa and colleagues (2014) and highlighted the importance of IRC professionals in children inclusion but also, the threat of a prominent clinical/rehabilitative approach used in educational context and its potential exclusionary effects. The adoption of a unified inclusive approach of assessment and intervention within the teams was then underlined, reinforcing the critical role of the therapists’ initial and continuous training on inclusive education. In keeping with the intention of developing a common framework for an inclusive profile of school-based therapists, a diagnosis of existing practices was firstly conducted with the intention of understanding how currently therapists mobilize their knowledge and skills in school contexts. This study goal was, then, to describe the pattern of practices of occupational therapists working in elementary and middle schools, in terms of (i) the targets and methods of assessment and intervention frequently considered on their support; (ii) the modalities (e.g., direct and/or indirect support through teachers, parents, and/or peers; projects at school level) and contexts of intervention (e.g., regular classroom, support-classrooms, social areas of the school); and (iii) the organization of a typical work week and time spent in tasks as

meetings, making reports, moving around, supporting directly the child, supporting the parents and teachers. A web-based survey was developed based on other international studies (e.g., Spencer et al., 2006; Kaelin et al., 2019) and was sent to therapists working in school context for two or more years. Through an incidental sampling, around 120 therapists were invited to participate in the survey, resulting in 42 responses. Descriptive statistics were used for data analysis. Study findings will be discussed in terms of the alignment of current practices with the inclusive principles, prompting reflections on areas of knowledge and skills in need to be developed by therapists according with present political and social conjuncture.

**Keywords:** Inclusive Education; School-Based Occupational Therapy; Additional Support Needs; Inclusive Resource Centers

## **Entre o construído e os desejos das crianças em uma escola pública: os espaços livres de edificação como preferências ambientais e possibilidades de potencialização do ensino-aprendizagem**

Diego Freire Martins<sup>1</sup>; Natália Miranda Vieira de Araújo; Verônica Maria Fernandes de Lima<sup>1</sup>

1 - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

2- Universidade Federal de Pernambuco

### Oral Communication

A escola em seus espaços internos (salas de aula, por exemplo) e externos/livres de edificação (pátios) compõem a socialização e vivência das crianças como em seus aspectos lúdicos através de brincadeiras e jogos. Ao interagir com o meio, ela atua e é modificada ao explorar o ambiente em sua organização formal e funcional ou pelas percepções multissensoriais, contribuindo para a construção do conhecimento. Dos 7 a 12 anos, ela tende a pensar logicamente sobre suas experiências e como representa e percebe sua interação com o espaço, logo estes precisam incentivar itens como liberdade e inventividade. No entanto, nos países em desenvolvimento em suas áreas de renda baixa e infraestrutura precária, os programas arquitetônicos escolares costumam atender demandas mínimas, como tratamento das salas de aula em detrimento de espaços livres, afetando a vivência e percepção da criança. Assim, teve-se como objetivo analisar as preferências e desejos das crianças de 9 a 12 anos sobre os espaços